



CRISTO, NATAL E PÁSCOA

Por Presb. José Roberto da Silva Costanza

Vamos comemorar: hoje é Natal! Vamos nos confraternizar, estamos às vésperas do Natal! Vamos comprar presentes, pois se aproxima o Natal! Vamos enfeitar nossas casas, ruas, árvores, com lampadinhas! Vamos levar as crianças para conhecer Papai Noel, que vai descer de helicóptero no Maracanã! Vamos, vamos, vamos! Será que nós perdemos totalmente o referencial do Natal, que é Jesus, o grande ausente no Natal.

Esta semana foi reinaugurada a bela árvore de natal que a Prefeitura do Rio arma, há alguns anos, na Lagoa Rodrigo de Freitas. Cerca de 400 mil pessoas estavam presentes quando as luzes foram acesas. Sem dúvida, um belo espetáculo!

Por outro lado, os chamados festejos natalinos constituem um sinal verde para algumas pessoas se embebedarem e, em seguida, saírem guiando seus carros, apesar da proibição da lei, colocando em risco a vida da população da cidade. Em Salvador, cujo nome foi dado em homenagem ao Senhor Jesus, já há uma micareta (carnaval fora de época) no Natal, a *nataleta*. Alguém diria, usando uma expressão popular: “É o fim da picada”. Chegamos ao fundo do poço!

Mas, será que sempre foi assim? Houve época em que se comemorava a verdadeira Páscoa (sem o coelho) e o verdadeiro Natal (sem peru)? A seguir, procuraremos responder esta questão.

Alguns Pais da Igreja, como Orígenes (c. 185- c.254), eram contra a idéia de se festejar o nascimento de Jesus, valorizando, especialmente, sua paixão e morte na cruz.

O desenvolvimento do Cristianismo naturalmente deu ensejo ao surgimento de uma espécie de Calendário Litúrgico, no qual as datas mais significativas deveriam ser comemoradas, a partir, naturalmente, da Páscoa. Quarenta dias antes da Páscoa passou a ter início a Quaresma, e cinqüenta dias depois da Páscoa, o Pentecoste. O Natal, na realidade, se constituía em uma preparação para a Páscoa. Tal entendimento era semelhante àquele dos mestres judaicos à época de Jesus, ou seja, a Páscoa (Judaica) era uma preparação para o Pentecostes, ocasião em que (para eles) Moisés recebeu a Lei do Senhor no Horebe ou Sinai.

Aparte das razões teológicas, não se sabia, ao certo, o dia em que Jesus nascera. Contudo, talvez pela prevalência da Escola de Antioquia em relação à Alexandrina, ou seja, a maior ênfase na natureza humana de Jesus, já em fins do século IV, o Natal era celebrado nas igrejas, embora em diferentes datas.

Dentre as datas mais usuais, destacam-se os dias 6 de janeiro, 25 de março, 19 de abril, 20 de maio e 25 de dezembro. 20 de maio, por exemplo, foi sugerido por Clemente de Alexandria (c. 150 – c. 215).

Especificamente em relação ao dia 25 de dezembro, data em que hoje comemoramos o Natal, a primeira menção oficial aconteceu no ano 336, conforme consta do Calendário Filocaliano. Especula-se que a escolha tenha sido “apologética”, porque coincidia com os festivais pagãos que celebravam a festa do “nascimento do Sol Invicto”. Além disso, no Império Romano havia uma grande festividade em honra a Saturno, que era comemorada de 17 a 22 de dezembro, as *Saturnais*. Dessa forma, a igreja ofereceria ao povo uma alternativa às festividades pagãs. A celebração oficial do Natal de Jesus pela Igreja de Roma aconteceu a partir do ano 354 por ato do bispo (papa) Libério.

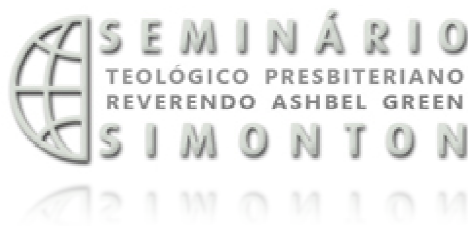
Motivos à parte, a tentativa de apagar a memória das saturnais, quando se comia e bebia desbragadamente, como nos dias de hoje, parece não ter dado muito certo. Aliás, isso já ocorria à época de Calvino e Knox, sendo uma das razões pelas quais esses reformadores se recusavam a celebrar o Natal. Contudo, no protestantismo, o que prevaleceu foi a ótica dos luteranos, que defendiam a observância do Natal e desenvolveram com maior profundidade a doutrina da encarnação.

E agora, como nós, herdeiros presbiterianos das idéias de Calvino e Knox, ficamos?

Creio que é chegada a hora de voltar a valorizar a Páscoa (sem o coelho), colocando-a, de fato, em primeiro lugar não só no Calendário Litúrgico da Igreja, mas também no “Calendário Familiar Cristão”, sem contudo, deixarmos de comemorar o Natal, mas o encarando como uma preparação para a *Vera Páscoa*, que é Cristo Ressurreto.

Presb. José Roberto da Silva Costanza

*O autor é Presbítero da Igreja Presbiteriana do Brasil desde 1987. Doutor em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval, em 1992. Mestre em Teologia pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, em 2002. Professor do Seminário desde 1999, lecionando atualmente História da Igreja e História da IPB. Coordenador do Departamento de Teologia Histórica. Para falar com o autor, envie um email para: jrcostanza@hotmail.com



Endereço: Rua Joaquina Rosa, 199 - Méier - Rio de Janeiro - RJ - Cep. 20.710-080 - Brasil
E-mail: secretaria@seminariosimonton.com | Site: www.seminariosimonton.com
Telefone: (21) 2201 6734 | Fax: (21) 2581 6958